

Resenhas críticas _____

STEIN, Ernildo. *Órfãos de Utopia a melancolia da esquerda*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1993. 107p..

Não havia certamente para um esquerdista nada mais provocativo e ultrajante que chamar de utópico o projeto socialista. Um dos textos mais famosos do marxismo desqualificara como "utópicas" as teorias socialistas de Saint-Simon, Fourier, Owen e outros, por precinzarem a criação da sociedade ideal através de métodos não-revolucionários. O socialismo marxista reclamava-se de científico e acreditava traduzir leis inexoráveis da história. O fracasso das experiências socialistas do século desvendou o caráter utópico do projeto; aquelas verdades só existiam na subjetividade dos revolucionários.

No livro *Órfãos de Utopia: a melancolia da esquerda*, o filósofo Ernildo Stein oferece uma lúcida reflexão sobre aquilo que considera "a maior tragédia do século —

o fim do socialismo". São órfãos de utopia os intelectuais, os teóricos, os revolucionários e toda gama de homens politizados que "lutavam contra uma determinada situação em nome de um projeto social, político, econômico, cultural novo para a humanidade". Qual hoje sua atitude em face da perda que os surpreendeu de maneira brutal? A frustração socialista leva alguns à "celebração do liberalismo festivo e quase vingativo". Não se constroem, substituindo sem maior sofrimento o que perderam por novos valores; reagem "histericamente diante da história, dizendo que foram iludidos, que a obsessividade que existe no finalismo da história lhes foi imposta sem que pudessem se defender", exaltam-se com coisas que "não são nada mais do que hinos do neoconservadorismo". São os maníacos.

¹Publicada originalmente no *Jornal Zero Hora*, de 12/12/93, aqui com a permissão do autor.

■ o título "Orfandade e melancolia da esquerda". Reproduzida

Mas entre os desiludidos predomina a melancolia. Não a criadora melancolia política que, oriunda da insatisfação em face de uma determinada ordem estabelecida, conduz aos projetos de sociedade ideais, mas uma melancolia destrutiva e patológica que se expressa nas posturas e poses pós-modernas, na falsa elaboração da perda e na insistência em reaproveitar os cacos da construção desmantelada. Esta melancolia será diagnosticada como depressão pelos especialistas, mas "é manifesto que há na melancolia uma dignidade e um sofrimento do espírito que não podem ser objeto de simples terapias". Mais: "Não vamos querer reduzir tudo que houve de luta política, social e ideológica no mundo a uma atitude que seria objeto de psicanálise".

As esquerdas cultivam hoje auto-ilusões porque estão tendo dificuldade em elaborar o luto pela morte do socialismo. Stein propõe uma elaboração positiva do luto: aceitar que foi uma ilusão e uma fantasia a posse de um projeto absoluto, seguro e infalível, mas não substituir maniacamente esta

perda por algo apenas semelhante. Impõe-se uma constatação crucial: o conceito de socialismo é hoje operativamente vazio; o termo está vacante; não há modelo de socialismo capaz de funcionar eficientemente, nem agora nem em futuro previsível. A aceitação da pós-modernidade como alternativa significaria apenas "arrebentar todos os ideais" e "assumir a postura da marginalidade". A saída não está no anticomunismo ou na celebração de um liberal-capitalismo aparentemente triunfante. Nem cabe ignorar os legados do ideal socialista, entre os quais a incorporação de uma possibilidade — mesmo como "simples exercício mental" — de que existe um além do capitalismo.

O futuro não acabou. Stein rejeita a noção pós-moderna de uma ausência de futuro e perspectiva. Vivemos a travessia da pós-modernidade — "uma das travessias históricas pelas quais a humanidade às vezes passa". O grande desafio das esquerdas consiste em se reencontrarem através de outros ideais, talvez até alguns paralelos. O homem continua a ser a medida

de todas as coisas e por isso o elemento central de toda sociedade deve ser o humano, não a eficiência de uma determinada forma de produção.

Surgirão certamente "inovadores de idéias que virão substituir a teimosia e a ignorância que se agarram ao mundo perdido das experiências socialistas" e que procurarão "descobrir formas humanizadas de sociedade em lugar da que é pretendida pelo aparente vencedor da Guerra Fria". Para Stein, "o que nos comanda é a luta contra as injustiças" e daí virá o motor de toda a luta social. Con-

victo da possibilidade de uma sociedade pós-capitalista, Stein rechaça o *fim da história* de Fukuyama, que implica a afirmação da eternidade do capitalismo. Na verdade, a história é um eterno recomeço. Em hora de perplexidade, a reflexão de Stein é uma lufada de otimismo lúcido: "Talvez tenhamos que escutar o longínquo apelo de Sísifo", que, de resto, "manda lembranças".

Décio Freitas
Historiador